

Aspectos relevantes na formação psíquica do agressor do bullying escolar

Norma Vicença Martins¹, Alan Almario¹

Universidade Ibirapuera
Av. Interlagos, 1329 – São Paulo – SP
norma.martins@ibirapuera.edu.br

Resumo

Este artigo pretende avaliar a formação psíquica do agressor do Bullying escolar de forma a justificar que seu comportamento de violência com outro não se trata apenas de uma ação particular, pois provém da contribuição de uma sociedade violenta e da formação cidadã prejudicada de educação familiar e social marcada pela delegação de responsabilidades e por um afeto cada vez mais distante. Para tal fim, serão abordados aspectos relevantes da teoria psicanalítica, a fim de traçar um perfil do autor principal do bullying, o agressor. O estudo teórico, baseado em revisão bibliográfica, tem como objetivo refletir sobre a contribuição de uma sociedade social e familiar, bem como a história do homem com a agressividade através do olhar de um praticante de bullying.

Palavras-chave: Bullying, agressividade, agressor, violência e psicanálise.

Abstract

This article aims to assess the psychological makeup of the offender's School bullying in order to justify their violence behavior with another is not just a particular action because it comes from the contribution of a violent society and citizenship training impaired family education and social marked by the delegation of responsibilities and an increasingly distant affection. To this end, I will discuss relevant aspects of psychoanalytic theory in order to draw a profile of the author of the bullying, the aggressor. The theoretical study, based on literature review, aims to reflect on the contribution of a social society and family, as well as the story of the man with the aggressiveness through the eyes of a practitioner of bullying.

Keywords: Bullying, violence, psychoanalytic theory.

1. Introdução

O trabalho procura analisar os componentes dos fatores psíquicos que constituem o comportamento do agressor no processo do bullying com a preocupação de uma nova reflexão. Não se trata de encontrar uma justificativa para as ações tão nocivas e cruéis que por ele é cometida; tem a finalidade de humanizar as ideias acerca desse agente, que também é um alvo da sociedade, seja familiar, política ou social. Tal perspectiva supõe mudanças no olhar para essa criança ou adolescente.

Apesar de o bullying ocorrer no contexto das instituições escolares, ele não é só um problema da escola, mas de toda sociedade, visto ser um fenômeno que gera problemas em longo prazo, causando graves danos ao psiquismo e interferindo negativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional dos envolvidos. Freire e Aires, 2012 in apud Fante, 2008.

2. Bullying

Agredir, vitimar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar. Palavras que auxiliam na definição do bullying, sobretudo, seu conceito está além da discussão de seu significado. O “fenômeno bullying” se trata de um comportamento intencional em “ferir” o outro fisicamente ou psicologicamente. A vontade consciente e o desejo de agredir alguém podem ser manifestados por bater, empurrar, tirar dinheiro, chantagear, ameaçar, chamar de apelidos pejorativos ou excluir; ações essas que ocorrem em grupos de iguais. Segundo Pereira, 2002, a persistência e níveis de violência física e psicológica constituem fatores de risco que ameaçam gravemente o desenvolvimento psicológico e o bem estar das crianças e dos jovens. A autora ressalva que o bullying não pode ser confundido com outras formas de comportamento agressivo, normalmente expresso em determinadas idades ou na expansividade e envolvimento físico dos intervenientes, mas que não existe a intencionalidade de magoar ou causar danos.

A literatura aponta como definição do Bullying um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais alunos contra outro, causando dor, angústia e sofrimento.

Conceituam em sua formação, os autores (agressores), que praticam violência contra os colegas, vitimizam os mais fracos e usando a agressividade para se impor e liderar algum grupo; as vítimas (alvos) são alunos que estão expostos de forma repetida, e durante algum tempo, às ações negativas praticadas por um ou mais alunos no ambiente escolar, e os espectadores (podendo ser ativos ou passivos) são aqueles que não participam diretamente da agressão, mas que passivamente, contribuem para a formação do bullying. Para se caracterizar bullying é necessário que ocorra entre pares de iguais e em instituições escolares. Sabemos que o bullying começou a ser reconhecido como um problema crescente na escola. Para Freire e Aires, 2012 é um fenômeno de difícil identificação por acontecer longe de adultos e por não haver denúncias por parte das vítimas devido ao medo de retaliação.

É preciso pensar o bullying escolar como um fenômeno social, portanto, as formas de enfrentamento e prevenção devem estar em plena comunhão com o contexto onde ocorre, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas, que levem em consideração aspectos sociais, psicológicos e econômicos, muito mais do que medidas caracterizadas por punições, ameaças e intimidações ou formas prontas de enfrentamento (Freire e Aires, 2012).

3. Agressividade: Uma causa ou um efeito?

Na perspectiva freudiana o ato inaugural da cultura é um ato de extrema violência: o assassinato do pai a horda primitiva, após isso sabemos que a história da civilização vêm de uma dolorosa violência entre os homens. De fato, o homem é tentado a satisfazer sua agressividade. Para que a civilização possa restringir sua agressividade foi posto em ação uma natureza a principio da ética e moral. A forma ideal para cumprí-la adequadamente foi a educação, preparando o homem para viver em sociedade. Nogueira, 2003 nos fala que a sociedade compete em refrear o ímpeto de agressão dos indivíduos que a compõem. No entanto, a mesma sociedade que insere o indivíduo a comportamentos “adequados” é a que pune agressivamente quem a desrespeita, formando por muitas vezes um núcleo discriminatório e injusto.

A civilização contemporânea, edificada sobre um sofisticado aparato técnico científico, é atravessada por alguns elementos negativos que geram dentro dela um indisfarçável sentimento de mal-estar. Algo como a sensação de habitarmos um mundo “torto”, inevitavelmente quebrado, onde as relações humanas se fazem cada vez mais difíceis, marcadas como estão pela competição e a desconfiança (Nogueira, 2003). Vemos a agressividade misturar-se à busca de prazer e desembocar nas diversas modalidades de violência. Para a psicanálise a agressividade é sua manifestação, na ordem social, da pulsão de morte que, por ser silenciosa, não tem outro espaço para expressar-se a não ser o do meio sociocultural.

Se observarmos as relações humanas, são marcadas pela vontade de poder e dominação, como separar isso do ambiente escolar? Como educar uma criança que agride outro no seu ambiente de cotidiano, se a sociedade contribui para uma formação de cidadania que o mais forte sempre vence.

A educação e a cultura deveriam tender a eliminar as formas agressivas de resolução de tensões que provocam as diferenças individuais. A educação deveria valorizar e promover os comportamentos de empatia, a negociação verbal, o intercâmbio de ideias, a cedência de ambas as partes na procura de justiça, no direito à igualdade de oportunidades para todos e no direito à diferença de cada um (Pereira, 2002).

4. Percepções sobre o papel do agressor no fenômeno bullying

O ser humano é agressivo? Trata-se de um questionamento em que a resposta pensada ou falada está de acordo com os valores vividos de cada um. Uns vão afirmar que não, pois existem pessoas que sempre estão dispostas a fazer o “bem”, incapazes de manifestar um impulso destrutivo na sua relação com o mundo e com as pessoas. Então a agressividade é determinada pela ação do comportamento de um indivíduo? Para Ana Bock, 2008 a agressividade sempre está relacionada com as atividades de pensamento, imaginação ou de ação verbal e não verbal. Para a teoria freudiana, afirma-se que a agressividade é constitutiva do ser humano, no entanto, a cultura, a vida

social são fatores importantes como reguladoras dos impulsos destrutivos.

As crianças agressivas podem ser identificadas como: dificuldade no controle de impulsos e no prazer de controlar sua vítima sem esperar retaliações. Estudos demonstram que o agressor de bullying pode se tornar um delinquente no futuro, ou seja, os comportamentos antissociais na infância e adolescência pode ser um fator promissor para uma vida social futura de criminalidade. Segundo Pereira, 2002 in apud Olweus, 1978, 1987, os agressores tem confiança em si próprio e não tem medo. Os agressores apresentam tendências agressivas devido à vida familiar, visto que: os pais parecem fomentar mais a hostilidade do que o afeto; existe um padrão familiar de permissividade. Para Freire, 2005 a violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura outra vocação, a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. Nesse paralelo entre opressores e agressores, oprimidos e vítimas, revela-se uma mutável troca dos papéis instaurados na personalidade do agressor do Bullying, uma criança vítima de um poder abusivo em um ambiente familiar ou social torna-se, quando encontra sua oportunidade, o agente causador de dor ou humilhação.

Pensando o comportamento do agressor de bullying, proveniente de uma estrutura familiar que tem como educação a violência, seja verbal ou física, o alvo que no centro da família pode ser colocado no lugar da vítima, do que sofre abusos, e na escola que pode encontrar a oportunidade de ocupar o lugar do agressor, transformando outros em vítimas, uma forma psíquica de “gritar” sua agressividade.

5. A sociedade familiar como contribuidora para o bullying

A família oferece a primeira educação à criança. Ela é responsável por transmitir valores, normas e modelos de conduta a que essa criança será submetida, tornando-se sujeitos de deveres e direitos na sociedade que está incluída. Pode se afirmar que se trata de um grupo importante para o desenvolvimento psíquico de uma criança, e que esse desenvolvimento pode ser um dos contribuintes

para determinar o seu comportamento futuro. Para Davis, 2010 o desenvolvimento é o processo pelo qual o indivíduo constrói ativamente, nas relações que estabelece com o ambiente físico e social, as suas características.

Observa-se em famílias que em sua dinâmica promovem a violência, seja física, sexual ou psicológica, as crianças refletem esses comportamentos no ambiente escolar, sendo às vezes no papel do agressor ou do alvo no bullying escolar. O agressor que tem por modelo a violência como forma de se comunicar, encontra nela a única forma de contato com o mundo. A crueldade, muitas vezes, adquirida em casa, em seu papel de alvo, transpõe nas relações com colegas na escola, tornando-se assim um agressor.

A educação familiar pode assumir características autoritárias, democráticas ou permissivas (Pereira, 2002). Os agressores identificam-se com o poder e falta de coesão de uma família, as vítimas podem estar relacionadas com a falta de capacidade de afeto dos pais ou ao contrário, pelo excesso de proteção.

O Superego, como uma dinâmica da personalidade, diz Rappaport, 1981 é responsável pela estruturação interna dos valores morais, ou seja, pela internalização das normas referentes ao que é moralmente proibido. A autora ressalta ainda que o superego é uma estrutura necessária para o desenvolvimento do grupo social. Sem ele, seríamos todos delinquentes, respeitando apenas as restrições da força externa. Contudo, observamos hoje, a dificuldade do jovem em respeitar limites e figuras de autoridade, tal situação é muito bem perceptível em uma sala de aula.

A criança ou adolescente chega à escola acreditando que pode satisfazer a todos os seus desejos, inclusive o da agressividade. Na relação com outro, sua forma é de humilhação, de causar sofrimento, como se a consequência de seu ato fosse uma forma de alcançar satisfação. Na teoria freudiana o complexo de Édipo que é vivido intensamente por criança entre 3 e 5 anos, se caracteriza pela recusa da criança com seu objeto de amor, no qual podemos referenciá-lo aqui, como o papel da mãe. Quando a criança entende que seu desejo por esse objeto de amor precisa ser renunciado, inicia-se uma nova fase, de considerar a realidade. É através dessa quebra das fantasias infantis que a criança é introduzida à essência da cultura e dos valores morais, tanto introduzidos pelos pais ou socie-

dade. Analisando a situação do agressor do bullying, fica claro que algo se perdeu na formação de valores e moral desse indivíduo, vários são os fatores: ausência familiar, violência como educação, falta de limites, a troca do afeto por objetos de valor. Hoje a sociedade contribui para que o indivíduo se perca numa formação cidadã sem identificações de autoridade e valores.

6. Considerações Finais

O bullying, fruto do mundo contemporâneo, mais do que discutir suas estatísticas e formas de ações, trata-se antes de tudo, de um ato de violência que excede o convívio entre estudantes de instituições escolares, causando uma formação psíquica prejudicada para qualquer dos ditos “protagonistas” desse fenômeno. Necessita de ações que propicie uma nova formação de valores morais que possa ir muito além da responsabilidade do professor, da escola e da família, é algo inevitavelmente social, que carece de uma reflexão que abrange a todos essas variáveis, visto que se trata de um problema nascido e sustentado pela sociedade, uma sociedade cada vez mais intolerante e que preza em seu inconsciente uma relação de poder e dominação.

O protagonista do bullying, o agressor, é visto com um olhar discriminatório tanto por parte da escola, como da sociedade. Discutem-se as ações desse agente em nível criminal, a criança ou o adolescente, sofre rotulações, como marginal ou personalidade agressiva patológica. Na mídia, nas rodas de escola, na rua, se fala do agressor com a incapacidade de uma análise que avalie o contexto histórico desse jovem. A proposta aqui não é uma bandeira defensiva à agressividade ou violência, mas sim uma análise do fenômeno bullying como fruto dessa sociedade que habitamos. Trabalhar o agressor como marginal, com punição criminal continua sendo validar essa violência escolar tão primitiva e dolorosa. É necessário, olhar o fato com corresponsabilidade social, familiar e política; construir uma sociedade justa, que valoriza a solidariedade e a educação, que denotam ações que conseqüentemente forma o indivíduo para se relacionar com o outro de forma ética e moral, repetindo os limites impostos.

O estudo da psicanálise aponta que o jovem, hoje, é o reflexo de uma sociedade sem pai e sem mãe. A educação baseada na falta de limites, numa permissividade, gera na criança uma independência de seus desejos, muitas vezes sem regras e com a dificuldade de enfrentar às frustrações. É nas manifestações de agressividade que se evidencia um jovem que não aprendeu a conviver com seus impulsos destrutivos, e ainda impossibilitado de uma prática social onde se preza o valor, a ética e a moral.

6. Referências Bibliográficas

BOCK, A.F. Psicologia: Uma introdução à psicologia. São Paulo: Saraiva 2008.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z.M.R. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, N.A; AIRES, J.S. A contribuição da Psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying. São Paulo: Revista Semestral da Assoc. Bras. De Psicologia Escolar e Educacional, 2012.

NOGUEIRA, João Carlos. Pulsões de Morte e civilização. In: MORAES, Regis (org.). Sociedade: o espelho partido, Campinas: Edicamp, 2003.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. Para uma escola sem violência. São Paulo: F.C.G., 2002.

RAPPAPORT, C.R. Temas Básicos da Psicologia. São Paulo: EPU. Vol. 7, 2003.

_____, C.R.; Fiori, W.R.; Davis, C. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: EPU. Vol. 1, 1981.